

## Prótese, mon amour<sup>1</sup>

Para ZigZag

A história que vou contar narra como as primeiras saps *butch* apareceram sobre a Terra. Tudo começou quando o computador não era senão uma penosa máquina de guerra, feita de centenas e centenas de fichas perfuradas. Eu não me lembro. Mas você tem que acreditar em mim: esta será uma guinada irreversível na monótona evolução dos corpos dos homens e das mulheres.



Dois de setembro de 1945. A primeira *first lady* lésbica, Eleanor Roosevelt, recebe em seu gabinete ministerial os soldados brancos e negros que voltam do fronte. 🏠 Coitadinhos! Ninguém os espera em casa. As mulheres mais velhas e as recém-casadas, as brancas assim como as negras, todas haviam aprendido a trabalhar na fábrica durante a guerra. 🏭 Haviam sobrevivido, como Amazonas da era industrial:

<sup>1</sup> Este texto foi publicado pela primeira vez em francês, independentemente do *Manifesto contrassexual*, em: *Attirances. lesbiennes Fems/Lesbiennes Butchs*, Christine Lemoine e Ingrid Renard (Orgs.). Paris: Éditions Gaies et Lesbiennes, 2001.

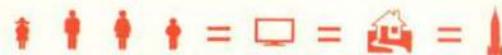


pela primeira vez, haviam alimentado a nação com óleo de máquina e não com leite.

Os Estados Unidos se apressaram para enviar seus rapazes, com suas caras imberbes e seus cus suaves, à Segunda Guerra Mundial para colocar ordem entre os povos. Quem ia dizer à Nação que seus soldadinhos eram tão sujos como os comunistas ou as bichas? Mas os soldados americanos, assim como os europeus, tanto os aliados quanto os inimigos, escutaram o chamado do Ânus. Descobriram, ao mesmo tempo, a violência das granadas e o delicado toque retal dos porretes. A guerra, sim, eu disse a guerra, haveria de dar lugar ao nascimento das primeiras comunidades homossexuais nos Estados Unidos. Quais iriam ser os inúmeros efeitos secundários dessa produção simultânea de guerra e homossexualidade? Como evitar a militância a partir daí? Como íamos fazer para distinguir entre as futuras comunidades sexuais e os esquadrões?

Alguns soldados haviam perdido um ou vários membros. As fábricas de guerra se transformaram em indústrias de fabricação de braços e pernas artificiais para reparar os corpos mutilados em combate. Das mesmas máquinas de onde antes saíram metralhadoras e bombas, agora saíam novas pernas prostéticas articuladas. Charles e Ray Eames, dois dos arquitetos mais importantes dos anos cinquenta, entenderam que a transição da guerra para a paz implicava a transformação e a reciclagem das armas em novos objetos para a nascente e confortável sociedade de consumo. Assim, com o mesmo material com o qual se faziam as talas de compensado que seguravam os membros dos soldados feridos na batalha, os Eames fabricarão as cadeiras multicoloridas que povoarão os colégios e os salões americanos. A plasticidade e o baixo preço dos materiais serão os imperativos do novo mercado. Inclusive as latas de conservas, que haviam sido

inventadas como provisões para um tempo de guerra, irão se transformar agora em aliados indispensáveis da moderna dona de casa.



A marca da bomba *Little Boy* ficou impressa sobre uma película em nitrato de prata e foi simultaneamente tatuada sobre cada um dos corpos de Hiroshima, naquele 6 de agosto de 1945. Tecnologias de representação e tecnologias de guerra: o mesmo combate. Um único e mesmo processo tecnológico está por trás da fabricação do moderno casal americano homossexual, do corpo insaciável do consumidor, da TV e suas imagens rapidamente saturadas de cor, do plástico moldado em escala industrial, do automóvel e das estradas que o levarão até as zonas residenciais, da pílula, do diagnóstico pré-natal e da bomba H. Eu não vi nada. Mas sei que Marilyn e Elvis eram dois corpos perfeitamente plásticos, carburados pelas drogas, tão plásticos como o vinil no qual suas vozes foram gravadas. Os novos protótipos hollywoodianos de masculinidade e de feminilidade já eram tão artificiais que ninguém teria sido capaz de apostar um dólar para demonstrar que Elvis não era um *drag king* ou Marilyn uma transexual siliconada. Anos mais tarde, o Caesars Palace de Las Vegas organizará um concurso de Marylins e de Elvis, imitações modelares de seus heróis de plástico, vindos de todo o país.

É assim como, depois da guerra, o Capital, o maior dos sistemas prostéticos, pôs-se a devorar e a comercializar as produções de identidade sexual. Tanto os objetos de consumo comum como as pernas prostéticas e os peitos de silicone passam a ser produzidos em escala industrial seguindo processos semelhantes de design, produção e venda. Os

corpos fazem fisioculturismo, se reconfiguram, se chutam, se irradiam, se plastificam, se vitaminam, se hormonizam... As performances de gênero pertencem a esse novo corpo do Capital, são o novo mecanismo de reprodução sexual-industrial. O sucesso da nova máquina capitalista depende de sua capacidade para pôr a plasticidade dos materiais e os corpos a serviço da produção do novo consumidor. Depois, pouco a pouco, essa plasticidade alcançará dimensões globais. A própria terra se transforma assim em uma grande indústria biopolítica. Por trás dessa fabricação se esconde a narrativa heterossexual e colonial que justifica a reprodução *ad aeternum* do corpo mecânico dos homens e da carne natural (e comestível) das mães.



produção em massa de objetos de consumo =  
nova cultura do corpo plástico =  
novas performances de gênero

Enquanto Nixon vendia máquinas de lavar para a URSS, as lésbicas americanas começavam a trabalhar seus músculos em segredo, como antes haviam feito os soldados, e a se proverem de próteses que assustavam seus pais. Em pouco tempo, comprovaram que os músculos e os dildos ficavam bem nelas. Nas ruas das grandes cidades, de São Francisco a Nova York, próximo dos lugares onde as transexuais vendiam seus seios maleáveis aos turistas, são abertos os bares onde as primeiras *butchs*, com suas botas de borracha e seus dildos de látex, encontram as primeiras *femmes*. Quem poderia se negar a comer um pinto de plástico quando ao longo de todo o país os objetos e os corpos se plastificavam e se (des-)coloriam?

Em meio a casas pré-fabricadas e robôs de cozinha, a *butch* aparece como um corpo de design que, apesar de tecnicamente simples e acessível, é sofisticado e custoso em termos políticos e sociais. Como se tivesse sido submetido à mesma transformação que o capitalismo tecnopatriarcal, o corpo retrolesbo dos anos cinquenta muda ao ritmo da máquina. A *butch* não veio até nós, humanos naturais de todo tipo, a bordo de um óvni. Tampouco desembarcou de um Sputnik comunista. Cresceu na fábrica. Triplamente oprimida, por causa de sua classe, de seu gênero e de seu desejo sexual, a *butch* está mais próxima da objetivação das máquinas do que da suposta subjetividade dos seres humanos. É proletária e guerrilheira. Não tem medo de colocar seu corpo em jogo. Conhece bem o trabalho manual.

A antropologia colonialista do pós-guerra, herdeira do laboratório-campo de concentração, nos diz que o primata abandonou sua condição animal graças à liberação do polegar, que lhe permitiu fabricar o instrumento e manejar a arma. Pois bem, para completar esta ficção a serviço da mão do homem branco europeu, poderíamos dizer que a *butch* abandonou sua condição feminina graças à sua mão trabalhadora. A mão que trai a feminilidade pelo gesto indecente, deslocado, inconveniente, pela incorporação dos instrumentos de trabalho, por sua excelência na manipulação, por sua faculdade inesperada para se acoplar com a máquina, por sua facilidade para fazer o encanamento do corpo, por sua força terna...



Raramente, em meio ao tédio que a repetição das atitudes de gênero proporciona, das posições dos corpos, dos gestos sexuais e do zumbido monótono dos gritos orgásticos, produz-se um

acontecimento, uma tentativa desesperada de reescrever as leis da cartografia anatômica, de mudar de pele, de chamar o prazer por outro nome. A *butch* é esse acontecimento. Introduce uma deriva na evolução do corpo heterossexual.

Filha de uma época pós-metafísica, se torna ladra de tecnologia ao perceber que o gesto da mão, a utilização de instrumentos e a propriedade das máquinas não estão naturalmente vinculados a uma única essência, seja feminina ou masculina. Como uma espiã indiscreta, irrompe na fria sala na qual o casal heterossexual assiste televisão e cria seus filhos, e rouba as próteses que permitiam aos homens disfarçar sua dominação da natureza. Seu mais belo golpe é ter sido capaz de simular a masculinidade. Sua mais hábil estratégia, o contrabando de acessórios para fabricar o gênero. Em primeiro lugar, a camiseta branca, as calças chino,<sup>2</sup> o cinto de couro, as faixas para achatar o peito, o gel para fixar o cabelo para trás... Mas também os aparelhos que multiplicam o movimento e a comunicação: primeiro a moto, depois a máquina de escrever, a câmera, o computador... Primeiro o dildo, depois os hormônios, a própria carne.

Em um primeiro momento, a *butch* não foi senão uma inversão de gênero posta a serviço da *femme* (a *butch* é o "namorado perfeito", o "príncipe encantado" com que todas as moças sonharam). Depois foge aos constrangimentos da feminilidade heterossexual e leva sua transformação ao limite para se livrar de seu tólos aparente: o corpo masculino. Mesmo quando se assiste a uma masculinização das atividades da *butch* ligada à utilização de diversas próteses mais ou menos sofisticadas que durante muito tempo foram privilégio dos

<sup>2</sup> A calça chino é mítica para as *butchs* americanas dos anos cinquenta. Em sua origem, esta calça reta de pinças, muito similar a calças de alfaiataria mas feita de algodão, era utilizada pelos empregados e pelos militares.



homens, em nenhum caso esta utilização dá lugar aos mesmos efeitos de dominação. A prótese não é essência. É trânsito. É efeito múltiplo e não origem única. Não existe mais do que em um contexto concreto: o do enxerto. Os instrumentos e as ferramentas, separados das práticas de poder ligadas à masculinidade, constituem o objeto de uma descontextualização contrassexual.

Na história da cultura sexual, a *butch* é aquela que inventa o sexo conceitual para as operárias. Recicla seus órgãos em máquinas sáficas. Cha-Cha-Cha-Uh-Uh! Como transar sem homens e sem mulheres? Não existe sexo *butch-femme* fora de uma deriva dos papéis sexuais e de gênero, de certo compromisso prostético. Prazer/dor, cortar/pegar, *top/bottom*, *butch/femme* não passam de vetores divergentes, matrizes operacionais, cifras variáveis de um desejo múltiplo.



A *butch* fez a si mesma. É mais fria do que a guerra, mais dura do que a pedra. É chamada de *Stone Butch*. Intocável, administra uma economia de recessão *contrassexual*, consagrando um espaço mínimo de seu corpo (feminino) ao prazer. Produz a máxima quantidade de prazer fora de seu corpo, em um espaço diferido, ao mesmo tempo plástico e carnal. À *butch* não se toca nem se penetra. Eu ainda não vi nada, mas sei que o prazer não vem do corpo, seja masculino ou feminino, e sim da encarnação prostética, da interface, ali onde o natural e o artificial se tocam.

Mas a *butch* é também o resultado de um curto-circuito entre a imitação da masculinidade e a produção de uma feminilidade alternativa. Sua identidade surge exatamente do desvio de um processo de repetição. Aparentemente



masculina, com seu cabelo raspado e seu cigarro na mão, a *butch* se proclama herdeira de uma masculinidade fictícia, que nem foi nem pode ser encarnada pelos homens (dado que estes acreditam na masculinidade), e que só uma sapa pode representar e imitar com sucesso.

Por isso, a *butch* está às antípodas do desdobramento da masculinidade heterossexual. De pedra, e no entanto sensível, dura, e no entanto terna, intocável, e no entanto multiorgástica. Seu corpo negado e magnificado ao mesmo tempo, faz-se transar sem ser penetrado, penetra sem transar.

Os estereótipos da masculinidade e da feminilidade heterossexual não servem para caracterizar as permutações da sexualidade que se produzem no encontro *butch-femme*. Joan Nestle, a mais carismática das *femmes* dos anos setenta, conta que uma verdadeira *femme* não sai na rua sem levar seu dildo na bolsa. É a *femme* que amarra o dildo cuidadosamente na cintura, no braço ou na perna da *butch*. A *butch* sem a *femme* não tem sexo. A *butch* come a *femme* com o dildo que esta lhe deu. Como estabilizar a deriva dos órgãos? A quem pertence o dildo? Quem é então o corpo penetrado? Onde se produz o acontecimento da incorporação?

O dildo da *butch* não é senão uma prótese, entre outras, que prolonga e aumenta a capacidade já confirmada de sua mão trabalhadora. O dildo é, antes de tudo, uma máquina manual à qual a *butch* aporta seu impulso motriz. Basta enxertar essa mão experiente no tronco da *butch* para que se transforme em uma prolongação plástica da pélvis. A *butch* dos anos cinquenta já é *queer* porque reconhece sua condição próstética, enquanto o macho ainda continua persuadido de sua superioridade natural.

A prótese não vem compensar fantasmagoricamente uma falta, não é alucinatória nem delirante, mas, como os seios no

torso nu do presidente Schreber, constitui um lado de intensidade produtivo.<sup>3</sup> A metafísica da falta, que certas teologias e certas formas de psicanálise compartilham, gostaria de nos convencer de que falta alguma coisa a todos nós. Dizem-nos que o mundo está em ordem porque às mulheres falta o pênis, porque aos homens falta os úteros/seios, porque aos homens e às mulheres falta o “falo transcendental” — ou o megadildo. Dizem-nos que aos animais falta a alma, e que às máquinas cibernéticas falta a carne e a vontade que as conexões elétricas vêm compensar com um excesso de informação... Não nos falta nada. Deleuze e Guattari já haviam dito isso. Não nos falta nem o pênis nem os seios. O corpo já é um território pelo qual órgãos múltiplos e identidades diversas cruzam. O que nos falta é vontade, todo o resto sobra.

Essa é a especificidade da *butch*, seu desejo produtivo. Enquanto tudo parecia indicar que uma *machinho* era uma simples imitação da masculinidade, a compensação de uma “falta”, a *butch* toma a iniciativa e produz corpos.

A *butch* dos anos cinquenta é um ciborgue sexual *low-tech*, feito na fábrica e operado no lar. Sua identidade é um artefato: um tecido transorgânico feito de peças soltas tomadas dos restos da heterossexualidade. Seu corpo é um espaço privilegiado para a implantação e o deslocamento de novos órgãos sexuais. A *butch* é ao mesmo tempo um aparelho e um terminal em que outras próteses podem se conectar. Como Monique Wittig, não tem vagina. Seu sexo não é genital. Seu corpo não é o objeto anatômico da ginecologia ou da endocrinologia. Alterando a reprodução da ordem heterossexual, introduzindo um corte na cadeia da imitação da natureza, a *butch* é extraída das

3 Gilles Deleuze e Félix Guattari, *O anti-Édipo*. Trad. bras. de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 43.



leis da evolução. É pós-humana e pós-evolutiva. Trata-se de uma mutação política que acontece nas células, nos órgãos...

Mas esse momento revolucionário não teve nada de futurista, nem de utópico. Não houve nenhum glamour. As primeiras *butch* não estavam na moda, não eram *hip*, nem *cool*. Eram corpos de braços musculosos e pernas robustas que, ao passar pela rua, suscitavam comentários em voz baixa: "olha essa mulher macho", "essa aí é caminhoneira", "essa aí é uma sapatona de merda que se acha um cara".

Uns cantam:  A BUTCH é FEIA 

Outros respondem:  A BUTCH é SEXY 

A feiura prostética é a nova estética do corpo lésbico.

Complementos, dildos, implantes, drogas, hormônios etc.: outras tantas próteses, outras tantas zonas de produção do gênero. A prótese é o acontecimento da incorporação. Historicamente, é o único modo de "ser corpo" em nossas sociedades pós-industriais. A prótese não é abstrata, não existe senão aqui e agora, para este corpo e neste contexto. Eu ainda não vi nada, mas sei que, no século XXI, todos os gêneros serão prostéticos: a masculinidade e a feminilidade serão termos que designam estruturas históricas (e talvez caducas) de incorporação. Por isso, a *butch*, enquanto corpo prostético, não é exceção, e sim parte de um processo generalizado de produção de identidade. O cara machinho não é menos prostético que a sapatona, as curvas de Pamela Anderson não são menos artificiais que as (tão gloriosas!) de Bibi Andersen.

Conscientes ou não, como a Agrado de Almodóvar, todos estamos à espera da transprodução prostética de nossos

corpos: de um novo *modem*, de um marca-passo, de um transplante de medula, de novos coquetéis antivirais, de um êxtase melhor, de um hormônio que faça crescer o clitóris e não o pelo, da pílula para homens, de um Viagra para donas de casa...

As sapas *butch* do novo século já não têm necessidade de parecer com James Dean, nem sentem necessidade de ter um pau como o do papai. Brincam com a sequência de DNA que as separa da evolução heterossexual e MUTAM.

Nova York, 30 de outubro de 2000

## Nota da autora

Este manifesto é também um diário de viagem entre a França e os Estados Unidos. Cheguei a Paris em janeiro de 1999, graças a um convite de Jacques Derrida para assistir ao seu seminário da École des Hautes Études. Vim para ver o que poderia significar “fazer desconstrução” na França; também vim para encontrar o rastro perdido de Monique Wittig. Quando digo “desconstrução”, refiro-me à recepção transatlântica da filosofia de Jacques Derrida, sobretudo através da leitura que Judith Butler fez dela, e ao que se denominou nos anos noventa de teoria *queer*.

Sem dúvida, é necessário se perguntar pelas práticas de leitura e de tradução que se produzem em ambos os lados do Atlântico... O que faz com que a desconstrução possa parecer na França um jogo intelectual politicamente neutro, enquanto na América é, antes de qualquer coisa, uma prática de infiltração e hibridação das linguagens que mina as funções normativas e naturalizantes das instituições políticas e sociais, submergindo-as em uma deriva irreversível. Desconstrução? Talvez fosse melhor falar de “tradução” ou de “enxerto” ou simplesmente de “dildo”.

Este pequeno livro “encontra” seu lugar no espaço político e teórico que poderia ter ficado aberto na França se o *Straight*



*Mind* [A mente hétero] tivesse sido publicado em francês, se sua autora não tivesse fugido para o deserto, e se o lesbianismo radical francês não tivesse se escondido e traído a si mesmo atrás do nome de feminismo.

Fazer referência à filosofia *queer*, ao que verdadeiramente foi ou ao que poderia ser, é difícil. Quais são os textos que devem fazer parte dela? Onde encontrar as mulheres que ainda lembram as origens de um movimento sexual político radical? Como encontrar o fio anglo-saxão que permite compreender a cadeia lésbica francesa?

Nessa busca retrospectiva, cada informante tem o rosto petrificado de Ruth, que sabe muito bem que sua língua de sal não lhe será de nenhuma utilidade para narrar o que ocorreu. Falar de filosofia *queer* é viajar guiada só por uma cartografia invisível e, na ausência de solução no horizonte, inventar o Arquivo.

## Agradecimentos

Ao grupo francês ativista *queer* ZOO e a todos aqueles e aquelas que foram ao seminário Q no inverno de 1999 e na primavera de 2000, quando elaborei algumas das ideias centrais deste livro, sobretudo a Xavier Lemoine, Marco Dell'Omodarme, Martine Laroche, Sophie Courtial, Nini Francesco Ceccherini, Jacques Isnardi, Bernadette Henique, Gérard Verroust, Catherine Viollet... E a Suzette Robichon-Triton, a quem devo quase todas as peças do arquivo lésbico que não tive que inventar. Às feministas que em diferentes ocasiões me deram a oportunidade de me expressar nos seminários e nas conversas na França: Nicole-Claude Mathieu, Danielle Charest, Gail Pheterson, Françoise Duroux...

Ao departamento de filosofia da New School e a meus professores Jacques Derrida, Agnes Heller, Richard Bernstein, Alan Bass, Jessica Benjamin, Jeffrey Escoffier, Dion Farquhar, Yirmiyahu Yovel, Alan Bérubé, Joel Whitebook... À comissão Fulbright de intercâmbios hispanoamericanos. À Escola de Arquitetura da Universidade Princeton, onde terminei minha tese de doutorado, e especialmente a Beatriz Colomina e a Mark Wigley. A Georges Teyssot, que me deu a ideia de refletir sobre a incorporação protética e a prótese. Se aprendi com todos eles, ninguém deve se sentir responsável pelo resultado inesperado de seus ensinamentos.

A Maryvonne Saison, que me incentivou a trabalhar sobre Deleuze e me deu a oportunidade de ler publicamente, e pela primeira vez, o exercício contrassexual que trata da homossexualidade molecular de Deleuze.

A Gabbie, do Toys in Babeland de Nova York, que generosamente incrementou minha coleção de dildos.

A meus pais, que apoiaram minhas atividades de leitura e de escrita contra suas convicções mais profundas.

A LSD e a Fefa Vila, que foram minhas primeiras leitoras na Espanha. A Ana Gil Costa, que me ofereceu meu primeiro exemplar de *Straight Mind*, em Nova York. A aquelas e aqueles que, de distintas maneiras, sabendo ou sem saber, apoiaram minha atividade intelectual como lésbica: Pino Ortiz, Coloma Fernández Armero, Isabel Armero e Carlota Armero, Sally Gutiérrez, Beatriz Acevedo, Laura Cottingham, Luz María Fernández, María Mercedes Gómez, Antonio Blanch, Anne Rousseau, Marine Rambach, Charo Corral, Azucena Veites, María José Belbel... E, sobretudo, a Coché Echarren, minha irmã e amiga.

A meu confiante editor francês, ânus glorioso e bom transportador de dildos, Guillaume Dustan.

A Julio Díaz e Carolina Meloni, que refrescaram minha memória do espanhol com sua excelente tradução para o espanhol. A Paco Vidarte e Cristina de Peretti, que revisaram a edição em espanhol. A Antonio Pastor Bustamante, que me animou a me traduzir à minha própria língua.

A Marie-Hélène Bourcier, pelas inúmeras horas passadas discutindo sobre o tráfico entre a teoria *queer* e a filosofia francesa, e por sua paciência para decifrar meu primeiro texto inglês para sua edição em francês. É bem simples: sem ela este livro não existiria.



## Bibliografia

- ASENDORF, Christoph. *Batteries of Life. On the History of Things and their Perception in Modernity*. Berkeley: California University Press, 1993.
- BORNSTEIN, Kate. *Gender Outlaw: On Men, Women and the Rest of Us*. Nova York: Routledge, 1994.
- BUCHANAN, Ian (Org). *A Deleuzian Century*. Durham: Duke University Press, 1999.
- BULLOUGH, Vern. *Sexual Variance in Society and History*. Nova York: Wiley, 1976.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity*. Nova York: Routledge, 1990. [Edição brasileira: *Problemas de gênero*. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003].
- . *Bodies that Matter*. Nova York: Routledge, 1993.
- . *Excitable Speech. A Politics of the Performative*. Nova York: Routledge, 1997.
- CALIFIA, Pat. *Sex Changes. The Politics of Transgenderism*. São Francisco: Cleis Press, 1996.
- Clinique de chirurgie esthétique St. Joseph*, 1003 boulevard St. Joseph Est, Montréal, QC H 2G 1 L2 (folheto).
- COREA, Gena. *The Mother Machine. Reproductive Technologies from Artificial Insemination to Artificial Wombs*. Nova York: Harper and Row, 1985.
- CREITH, Elaine. *Undressing Lesbian Sex*. Londres: Cassell, 1996.
- CRESOLE, Michel. *Deleuze*. Paris: Éditions Universitaires, 1973.
- DELEUZE, Gilles. *Proust et les Signes*. Paris: PUF, 1964 [Edição brasileira: *Proust e os signos*. Trad. de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio



- de Janeiro: Forense Universitária, 2003 ]
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *L'Anti-Oedipe*. Paris: Éditions de Minuit, 1972. [Edição brasileira: Gilles Deleuze e Félix Guattari, *O anti-Édipo*. Trad. de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010].
- \_\_\_\_\_. "Sur Capitalisme et schizophrénie", entrevista realizada por C. Backes-Clément, Paris: L'Arc, 49, pp. 47-55, 197.
- DERRIDA, Jacques. *De la Grammatologie*. Paris: Éditions de Minuit, 1967. [Edição brasileira: *Gramatologia*. Trad. de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973].
- \_\_\_\_\_. *L'Écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967. [Edição brasileira: *A escritura e a diferença*. Trad. de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014].
- \_\_\_\_\_. "La Pharmacie de Platon" in *La Dissémination*. Paris: Seuil, 1972. [Edição brasileira: *A farmácia de Platão*. Trad. de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005].
- \_\_\_\_\_. *Marges de la philosophie*. Paris: Éditions de Minuit, 1972 [Edição brasileira: *Margens da Filosofia*. Trad. de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Campinas: Editora Papirus, 1991].
- DEVOR, Holly. *Gender Blending: Confronting the Limits of Duality*. Bloomington: Indiana University Press, 1989.
- DONZELOT, Jacques. *La Police des familles*. Paris, Éditions de Minuit, 1977. [Edição brasileira: *A polícia da família*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980].
- FEINBERG, Leslie. *Transgender Warriors: Making History from Joan of Arc to Ru Paul*. Boston: Beacon, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la Sexualité*, tomo 1. *La Volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976. [Edição brasileira: *História da sexualidade*. vol. 1. Trad. bras. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988].
- \_\_\_\_\_. *Histoire de la Sexualité*, tomo 2. *L'Usage des plaisirs*. Paris: Gallimard, 1976. [Edição brasileira: *História da sexualidade*. vol. 2. Trad. bras. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984].
- \_\_\_\_\_. *Histoire de la Sexualité*, tomo 3. *Le Souci de soi*. Paris: Gallimard, 1976 [Edição brasileira: *História da sexualidade*. vol. 3. Trad. bras. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

Rio de Janeiro: Graal, 1985 ].

- \_\_\_\_\_. "Les techniques de soi" in *Dits et écrits*, tomo 4. Paris: Gallimard, 1994.
- \_\_\_\_\_. "Le gai savoir. Entretien avec Jean Le Bitoux" *Revue H*, nº 2. Paris: Outono de 1996.
- GARBER, Marjorie. *Vested Interests. Cross-dressing and Cultural Anxiety*. Nova York: Routledge, 1992.
- GRACE, Della. *Loves Bites*. Londres: GMP Limited Publishers, 1991.
- GUATTARI, Félix. "A Liberation of Desire. An Interview by George Stambolian" in *Homosexualities and French Literature: Cultural Context/Critical Texts*. Ithaca: Cornell University Press, 1979.
- HABLES GRAY, Chris, FIGUEROA-SARRIETA, Heidi, J. e MENTOR, Steven (Orgs.). *The Cyborg Handbook*. Nova York: Routledge, 1995.
- HALBERSTAM, Judith. "F2M: The Making of Female Masculinity" in *The Lesbian Postmodern*, Laura Doan (Org.). Nova York: Columbia University Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Female Masculinity*. Durham: Duke University Place, 1998.
- HALPERIN, David. *Saint Foucault, Towards a Gay Hagiography*. Nova York: Oxford University Press, 1995.
- HARAWAY, Donna. *Primate Visions: Gender, Race and Nature in the World of Modern Nature*. Nova York: Routledge, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Simians, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature*. Nova York: Routledge, 1991.
- HEUZE, Stephanie. *Changer le Corps*. Paris: La Musardine, 2000.
- HOCQUENGHEM, Guy. *Le Désir homosexuel*. Paris: Éditions Universitaires, 1972.
- \_\_\_\_\_. *L'Après-Mai des Faunes* (prefácio de Deleuze). Paris: Grasset, 1974.
- KESSLER, Suzanne, J. e McKENNA, Wendy. *Gender: An Ethnomethodological Approach*. Chicago: Chicago University Press, 1978.
- KESSLER, Suzanne J. "The Medical Construction of Gender. Case Management of Intersexual Infants" in *Sex/Machine. Readings in Culture, Gender, and Technology*. Patrick D. Hopkins (Org.). Indiana: Indiana University Press, 1998.
- LACAN, Jacques. "La Signification du Phallus" in *Écrits*. Seuil: Paris, 1966. [Edição brasileira: "A significação do falo" in *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998].

- LIVINGSTON, Ira. "Indiscretions: of Body, Gender, Technology" in *Gender and Technology in Everyday Life*. Jennifer Terry e Melodie Calvert (Orgs.). Nova York: Routledge, 1997.
- LYOTARD, Jean-François. "Can Thought Go on without a Body?" in *The Inhuman*. Trad. americana de Geoffrey Bennington e Rachel Bowlby. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- MAINES, Rachel P. *The Technology of Orgasm. Hysteria, the Vibrator and Woman's Sexual Satisfaction*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1999.
- MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media, The Extensions of Man*. Nova York: MacGraw-Hill, 1964. [Edição brasileira: *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1996].
- MONEY, John. "Psychological Counselling: Hermaphroditism" in *Endocrine and Genetic Diseases of Childhood and Adolescence*. Lytt Gardner (Org.). Philadelphia: Saunders, 1975.
- MONEY, John et alii. "Micropenis, Family Mental Health and Neonatal Management: A Report of Fourteen Patients Reared as Girls" in *Journal of Preventive Psychiatry*, nº 1, 1981.
- NAMASTE, Ki. "Tragic Misreadings" in *Queer Theory's Erasure of Transgender Subjectivity, Queer Studies*. Beemyn Brett e Eliason Mickey (Orgs.). Nova York: Nova York University Press, 1997.
- NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Paris: Métailié, 2000.
- NEWTON, Esther. *Female Impersonators in America*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.
- PANCHASI, Roxanne. "Reconstructions: Prosthetics and the Rehabilitation of the Male Body in the World War in France" in *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, nº 7. Indiana: Indiana University Press, 1995, pp. 109-140.
- PROSSER, Jay. *Second Skins, The Body Narratives of Transsexuality*. Nova York: Columbia University Press, 1998.
- ROBERTS, Mary Louise. *Civilization without Sexes: Reconstructing Gender in Postwar France*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- ROSARIO, Vernon A. (Org.). *Science and Homosexualities*. Nova York: Routledge, 1997.
- ROSEN, Michel A. *Sexual Art, Photographs that Test the Limits*. São Francisco: Shaynew Press, 1994.

- RUBIN Gayle. Entrevista com Judith Butler, "Sexual Traffic" in *Feminism Meets Queer Theory*. Elisabeth Weed e Naomi Schor (Orgs.). Indiana: Indiana University Press, 1997.
- RUSH, Benjamin. *Medical Inquires and Observations upon the Diseases of the Mind*. Philadelphia: 1812.
- SCHÉRER, René. *Regards sur Deleuze*. Paris: Éditions Kimé, 1998.
- SMYTH, Cheney. *Lesbians Talk Queer Notions*. Londres: Scarlet Press, 1992.
- STAMBOLIAN, Georges e MARKS, Elaine (Orgs.). *Homosexualities and French Literature: Cultural Context/ Critical Texts*. Ithaca: Cornell University Press, 1979.
- STOLLER, Robert J. *Sex and Gender*. Nova York: Aronson, 1968.
- TANNAHILL, Reay. *Sex in History*. Londres: Scarborough House, 1980.
- TEYSSOT, Georges. "Body Building" in *Lotus*, nº 94, Setembro de 1997, pp. 116-131.
- \_\_\_\_\_. "The Mutant Body of Architecture" in *Ottagono*, nº 96, 1990, pp. 8-35.
- TISSOT, Samuel Auguste. *L'Onanisme, dissertation sur les maladies produites par la masturbation*. Lausanne: Grasset, 1764.
- VANCE, Carole. *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Boston: Routledge & K. Paul, 1984.
- VENTURI, Robert et alii. *Learning from Las Vegas*. Cambridge: MIT Press, 1998. [Edição brasileira: *Aprendendo com Las Vegas*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2003].
- WELLS BONES, Calvin. *Bodies and Disease. Evidence of Disease and Abnormality in Early Man*. Nova York: Praeger, 1964.
- WIENER, Norbert. *The Human Use of Human Beings*. Nova York: Avon, 1954.
- WITTIG, Monique. *The Straight Mind and other essays*. Boston: Beacon Press, 1992.
- ZIMMERMAN, Jan (Org.). *The Technological Woman: Interfacing with Tomorrow*. Nova York: Praeger, 1983.

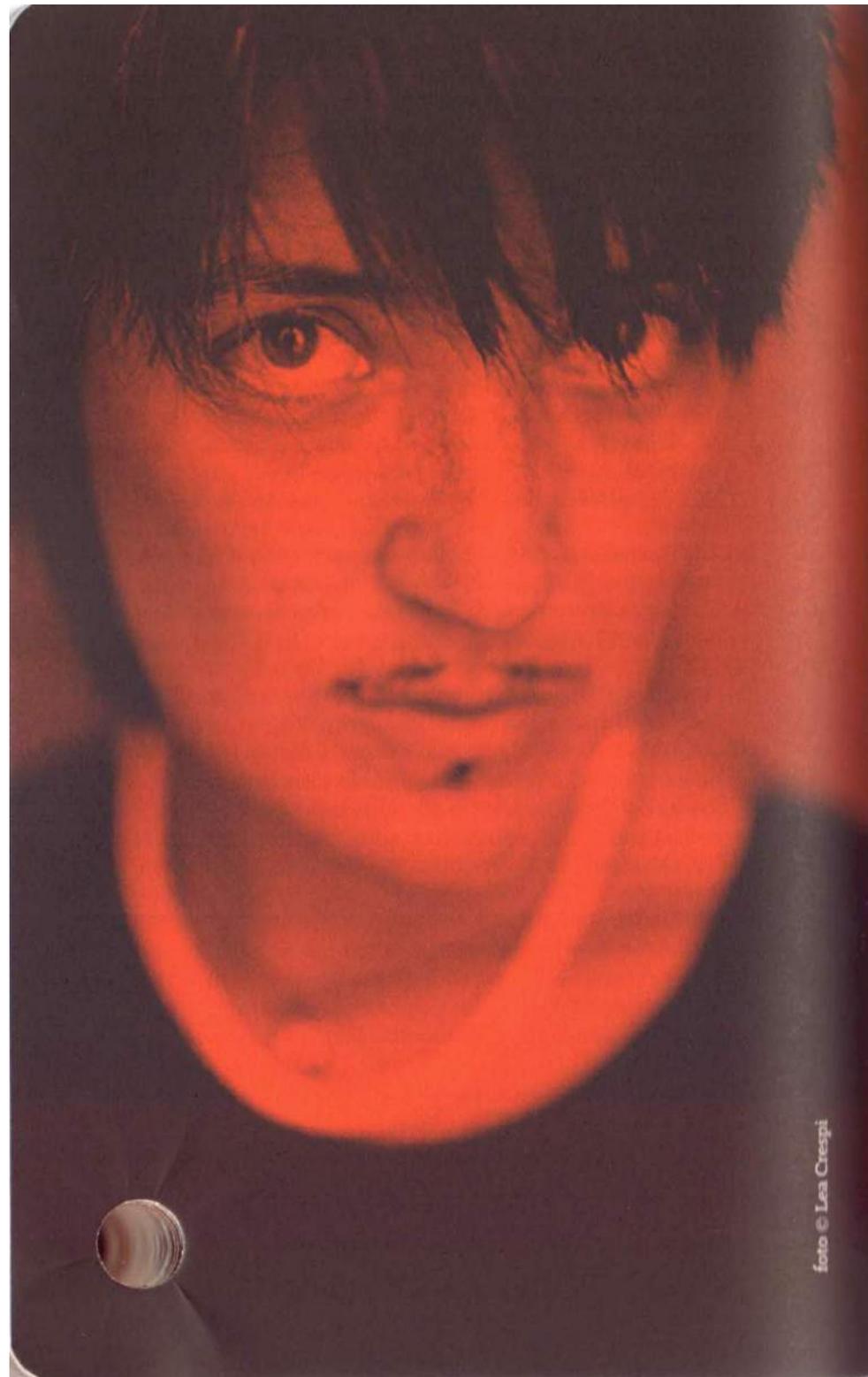


foto © Lea Crespi

## Sobre o autor

*Nasci em Burgos e vivo entre Paris e Barcelona. Sou filósofa e ensino Teoria do Gênero na Universidade de Paris VIII. Vivemos juntos minha noiva, uma cadela bulldog, um gato e eu. Não quero me reproduzir. Não creio na nação nem em Deus. Minha cadela se chama Pepa. Se sou homem ou mulher? Esta pergunta reflete uma obsessão ansiosa do ocidente. Qual? A de querer reduzir a verdade do sexo a um binômio. Eu dedico minha vida a dinamitar esse binômio. Afirmo a multiplicidade infinita do sexo!*

Beatriz Preciado, entrevista a Víctor Amela.  
*La Vanguardia*, 1 de abril de 2008.

Beatriz Preciado, nascido na Espanha, é um dos mais originais pensadores da atualidade sobre a questão do gênero, o pós-feminismo e a teoria *queer*. Com sólida formação filosófica, inspirado em autores como Derrida, Foucault, Deleuze, Negri, e em vivo debate com figuras como Judith Butler, Preciado renovou inteiramente a perspectiva sobre a construção social e política do sexo. Com sua escrita cáustica e provocativa, radical tanto na teoria quanto na prática, é leitura obrigatória para repensar a subjetividade e as novas figuras da sexualidade contemporânea. *Manifesto contrassexual* é seu primeiro livro lançado em português.

Outras obras do autor: *Testo Yonqui*, 2008 [Edição brasileira: *Testo Junkie: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica*, n-1 edições, 2015]; *El deseo homosexual*, 2009; *Pornotopía*, 2011.



